

UM OLHAR OUTRO

Vamos hoje terminar o capítulo 9 que Rodney Stark dedicou ao «santo autoritarismo» rebatendo a ideia de que a Igreja simpatiza com os regimes autoritários. Começamos pela conclusão do capítulo: «simplesmente, não é verdade que a Igreja se oponha à liberdade e à democracia. Pelo contrário, ela tende a opor-se aos tiranos, especialmente àqueles que tentam destruí-la». Neste capítulo, recordámos os horrores da perseguição religiosa na revolução francesa e na Rússia atea, e as carnificinas com milhões e milhões de mortos. Perseguição religiosa que tem assumido inúmeras modalidades nos últimos tempos, continuando ainda hoje. O Papa Francisco, com enorme coragem ousou visitar os nossos irmãos cristãos perseguidos no Iraque.

Falemos hoje da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), considerado «o acontecimento que mais contribuiu para cimentar a ideia de que a Igreja Católica recebe de braços abertos os tiranos. Fica isto a dever-se em parte, ao facto de se ter produzido durante a década de 1930, quando o comunismo soviético alcançou as suas quotas de popularidade mais altas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. A linha oficial era que os republicanos e espanhóis representavam o direito e a liberdade, enquanto o general Franco era um fascista assassino. Naturalmente, a participação da Alemanha e da Itália ao lado de Franco com equipamento e apoio aéreo contribuíram para se demonstrar que a guerra civil era um enfrentamento entre fascismo e liberdade». E acrescenta Stark: «o motivo principal que levou Hitler a apoiar Franco foi o de evitar que os soviéticos controlassem a Espanha». E, entrando nos meandros da guerra, acrescenta Stark que «Espanha permaneceu neutra permitindo aos representantes norte americanos e ingleses viajar livremente pelo seu território. Não restam dúvidas de que Franco foi um ditador e de que as suas forças executaram milhares de republicanos. No entanto, não foi Franco quem iniciou o conflito com a República Espanhola; a sua intervenção correspondeu às provocações extremas, incluídos os reiterados episódios de violência radicalizada que o governo se negou a controlar. Os republicanos não deixaram à Igreja outra opção que não fosse a de apoiar Franco, porque foi ele que ofereceu aos sacerdotes, religiosos e religiosas protecção frente aos esquadrões republicanos da morte». «O conflito espanhol começou em abril de 1931, quando a coligação de partidos de esquerda derrubou a monarquia e proclamou a segunda República. No início, muitos clérigos deram as boas-vindas à proclamação da República, mas bem cedo tiveram que se confrontar com um terrível anticlericalismo. Manuel Azaña, novo Presidente da República, declarou que se necessitava com urgência de uma legislação que proibisse que a educação das crianças ficasse a cargo de padres e monjas como uma questão de "saúde pública". Em 11 de maio de 1931 massas manipuladas por agitadores de esquerda iniciaram a queima de templos e conventos (...). Em Madrid, os incêndios premeditados contra a Igreja continuaram sem que ninguém se opusesse. O governo negou-se a utilizar a força para deter os invasores. O presidente Manuel Azaña declarou: "todos os conventos de Espanha não valem a vida de um só republicano".

Por fim, os ataques diminuíram. Durante os dois anos seguintes, «o governo republicano exigiu a dissolução de todas as ordens religiosas e católicas, confiscou quase todas as propriedades da Igreja, e proibiu que os sacerdotes ensinassem nas escolas. Mais tarde proibiram-se todas as procissões religiosas».

O rol de horrores continua nos anos seguintes. "Em 1934, os mineiros declaram uma greve no norte de Espanha e proclamaram o começo da revolução, provocando a queima generalizada de templos e o assassinato de 34 sacerdotes. O exército espanhol acabou com a revolta, com a ajuda de tropas marroquinas. Em 1936, a luta entre os republicanos radicais e os conservadores (que controlavam o exército espanhol) entrou numa crise que provocou um massacre anticatólico. Os investigadores coincidem agora em afirmar que este massacre se prolongou durante vários meses e implicou o assassinato de 13 bispos, 4172 seminaristas e sacerdotes diocesanos, 2375 monges e frades e 283 monjas: 6832 vítimas no total."

E, como na Rússia, muitas mortes foram feitas com detalhe de grotesca brutalidade. Entre os assassinados «houve enforcados, afogados, asfixiados, queimados ou enterrados vivos (...). Finalmente, independentemente do tipo de morte que tivessem sofrido, os cadáveres dos clérigos tiveram mais probabilidade de serem arrastados pelas ruas, expostos em lugares públicos ou profanados de diversas maneiras (...). Na prática, qualquer acto anticlerical imaginável foi não só possível mas provável. Em janeiro de 1937, um ministro do governo republicano preparou um relatório oficial para os seus colegas sobre as actividades anti-religiosas nos meses anteriores. Na zona controlada pela República: «foram destruídos todos os altares, estátuas e objectos de uso litúrgico; todos os templos foram encerrados ao culto; na Catalunha a maior parte dos templos foram queimados; organizações (do governo) recolheram os objetos metálicos do culto (sinos, crucifixos, etc..) e fundiram-nos para uso militar; os edifícios dos templos converteram-se em garagens, oficinas, fábricas e lojas, os conventos ficaram vazios; a policia fez buscas nas casas privadas levando os objectos religiosos e destruindo-os; os clérigos foram presos e assassinados aos milhares; e continuavam ainda centenas de clérigos nos cárceres». Diante de tudo isto bem próximo de nós, bem podemos repetir, com o pensador Pascal, que a Paixão de Cristo se continua até ao fim do mundo.

P. Abílio Cardoso

CONFISSÃO É UM ENCONTRO DE AMOR E MISERICÓRDIA ENTRE DEUS E NÓS



O sacramento da reconciliação é um encontro de amor e misericórdia entre Deus e nós. Esta é a mensagem de alegria e esperança que o Santo Padre transmite na edição de março de O Vídeo do Papa <<https://rmop.us9.list-manage.com/track/click?u=0520309a1409f299d2a9d83f1&id=b556b10b30&e=721f41b40f>>, convidando os fiéis a redescobrirem a força da renovação pessoal que a confissão tem nas suas vidas.

"Rezemos para que vivamos o sacramento da reconciliação com renovada profundidade e para saborear o perdão e a infinita misericórdia de Deus", pede Francisco, num vídeo que começa precisamente com um momento em que o Santo Padre se vai confessar e em que afirma que o faz "para se curar, para curar a sua alma. Para sair com mais saúde espiritual. Para passar da miséria à misericórdia".

SESSÕES DA NOVA ÁGORA SÃO TRANSMITIDAS NAS REDES SOCIAIS

Acesso às sessões da edição de 2021 da Nova Ágora é livre



As sessões da edição de 2021 do ciclo de conferências Nova

Ágora, que começaram na sexta-feira, dia 5 de Março, vão ser transmitidas integralmente nas páginas da Arquidiocese de Braga no Facebook e no YouTube.

Deste modo, ao contrário de anos anteriores, não é necessária inscrição prévia para assistir e participar no evento, que decorrerá totalmente online. Continuará a existir um tempo de debate no qual serão tidas em consideração as questões do público – via Facebook ou Youtube – aos oradores. As sessões deste ano têm lugar às 21 horas dos dias 12 e 19 de Março e abordam os temas da ecologia, da pandemia e do precariado.

Do templo destruído ao Santuário que é Jesus

Desconcertante, no mínimo, a atitude de Jesus no templo de Jerusalém. João situa-a na proximidade da Páscoa dos judeus. Primeiro, descreve-a e só depois a explica. Daí que somos como que apanhados de surpresa diante de um Jesus fora de si, revoltado e extremista, sem contemplações diante do que encontra no templo. Mais desconcertados ficamos sabendo que não era a primeira vez que Jesus lá ia e tinha já observado o movimento comercial pois que o Templo era o centro da vida da cidade. Como hoje os santuários de peregrinação pelo mundo fora congregam comércio, hotelaria e serviços.

A explicação de Jesus para o que acabara de fazer, situada a meio do relato, abre um novo horizonte para o leitor de todos os tempos.

Ao apontar para a reconstrução do templo «em três dias», facilmente nos apercebemos do verdadeiro templo, que é Ele, um templo reconstruído por Deus ao ressuscitá-lo, porque fora despedaçado pelos judeus. Mais ainda, João regista que «quando Ele ressuscitou dos mortos, os discípulos lembraram-se do que tinha dito e acreditaram na Escritura e na palavra de Jesus».

Quando João escreve, os crentes seguidores de Jesus já não dispõem do templo como casa de oração, mas celebravam o culto nas suas casas que eram, por serem de cristãos, casas de oração. Ora a casa é lugar de relação, de fraternidade, de intimidade, de festa. O templo destruído, com tudo o que implicou para o judeu e a sociedade judaica, aponta para a verdadeira adoração a Deus «em espírito e verdade», no Corpo de Jesus Ressuscitado, o verdadeiro Santuário de Deus. Jesus afirma-se, assim, o verdadeiro Santuário de Deus. Ele é a Presença acessível de Deus para o crente de todos os tempos.

Em tempo de pandemia, porque não valorizar ainda mais esta Presença na casa, no lar de cada família cristã que, dizendo-se seguidora de Jesus, olha para o seu lar, a sua casa de família, e ali a vê como habitação, lar, morada de Jesus, onde todos os membros da família se encontram com Ele, aprendem os mandamentos de Deus, como Palavra que salva e dá sentido à vida?

O Prior - P. Abílio Cardoso

OS VENDILHÕES DO TEMPLO E OS QUE HABITAM O NOSSO CORAÇÃO



Não faças da casa do meu Pai um mercado... Pergunto-me qual é a verdadeira casa do Pai. Uma casa de pedras? A casa de Deus somos nós se conservarmos liberdade e esperança (cf. Hebreus 3, 6). A palavra de Jesus, então, chega até nós: não façais mercado da pessoa. Não compreis nem vendais a vida, nenhuma vida, vós que comprais os

pobres, os migrantes, por um par de sandálias, ou um operário por escassos euros. Quando os profetas falavam de prostituição no templo, entendiam este culto, tão piedoso quanto ofensivo a Deus, quando o fiel quer gerir Deus: eu dou-te orações e sacrifícios, Tu dás-me segurança e saúde. O amor não se compra, não se mendiga, não se finge.

In https://www.snpcultura.org/os_vendilhoes_do_templo_e_os_que_habitam_nosso_coracao.html

MISSAS EM CONFINAMENTO

Cumprindo o confinamento, a Paróquia tem mantido a celebração diária da Eucaristia, exortando os paroquianos à comunhão de oração através do Facebook. Deste modo, se tem feito o possível por considerar todas as intenções de missas agendadas.

Desejamos todos voltar quanto antes à participação presencial, mas somos chamados a este «jejum» especial numa Quaresma especial, que se repete pela segunda vez. Desejamos, todos, que ao menos na Semana Santa possamos celebrar juntos o Mistério Pascal de Jesus. Aguardamos.

Entretanto, a missa diária em privado, mantida sempre às 19.00 nos dias de semana e às 11.00 ao domingo, vai continuar, numa das igrejas da cidade, na qual participa um pequeno grupo de pessoas, as necessárias para a dignidade da celebração transmitida. Pede-se que continuem a seguir e a rezar connosco na sua própria casa, que é a «igreja doméstica».

Excepcionalmente hoje, o Prior pediu aos padres espiritanos, a quem agradece toda a colaboração e permanente disponibilidade, particularmente nestas duas semanas de sua ausência por motivos de saúde, que a celebração fosse transmitida a partir da igreja do Seminário da Silva, de modo a dar a conhecer aos paroquianos de Barcelos aquela pequena/grande comunidade de serviço missionário. Sendo o CESM (Centro Espírito Santo e Missão) e o Seminário da Silva realidades eclesiais aqui tão próximas, nem sempre tomamos consciência da riqueza eclesial que nos envolve.

Bom domingo para todos, na esperança de voltar em breve a celebrar convosco a Eucaristia.

O Prior de Barcelos - P. Abílio Cardoso

